

Candeal Pequeno trocou sombra das senzalas pelo burburinho cosmopolita

PARTICIPAÇÃO
Carlinhos Brown, o rei do Ghetto, tem sua parte nesta história

CLÁUDIO BANDEIRA

De senzala sombria ao agito do Candyall Ghetto Square, o Candeal Pequeno esperou por mais de um século. O matagal e as histórias de assombração relatadas pelos antigos, muitos dos quais descendentes de escravos, e idealizadas na mente dos mais crédulos, deram lugar à casas multicoloridas e a um burburinho cosmopolita difícil de ser encontrado em outras favelas de Salvador. Aliás, os moradores da área, cerca de cinco mil pessoas, sentem-se ofendidos quando chamam o Candeal de "invasão".

Isto porque no atual Candeal Pequeno existia uma senzala de escravos pertencente a uma fazenda na gleba de Brotas. "Aqui nunca foi uma invasão e quem diz isso esconde outros interesses", afirma Ivone Alves Soares, moradora há 40 anos. Em comparação com as demais áreas habitacionais de baixa renda de Salvador, o Candeal é um paraíso. Ruas limpas, cimentadas ou asfaltadas, guardam construções adaptadas de antigas moradias, a maioria das quais rebocadas e pintadas.

As melhorias tiveram início quando um morador até então desconhecido — Carlinhos Brown — começou a ficar nacionalmente famoso. O furacão Brown, se não foi diretamente responsável, contribuiu para a mudança da paisagem que incluía ruas enlameadas e barracões toscos. A revolução foi no ritmo da timbalada. Se há dez anos integrantes da classe média abastada não imaginavam caminhar pelas ruas da antiga senzala ou quilombo urbano, como prefere Brown, hoje é programa dominical de matricinhas e patricinhas: "Você vai domingo pro gueto?", é uma pergunta comum entre os membros dessas tribos.

Gueto privilegiado

E o "gueto" é, sem dúvida, o mais privilegiado da cidade, onde as 970 famílias da comunidade são beneficiadas por obras de infra-estrutura e o programa Pró-Moradia, da Conder, constrói novas casas nas encostas. Longe vai o tempo em que Ivone costumava atravessar o matagal, através da Mata de Joventino (hoje o Parque da Cidade) em direção à praia onde hoje fica o bairro da Pituba. "Os prédios tornaram o ambiente sufocante, mas quando era criança era possível sentir o cheiro de mar", lembra.



Ivone diz com orgulho que o bairro não se originou de invasão

As melhorias começaram em 1970, quando chegou a luz elétrica e, em 1995, quando colocaram concreto em algumas ruas graças à ação do governo do Estado, pois as promessas do prefeito de então falharam, conta. Água encanada era também algo inexistente e a maioria dos moradores supria suas necessidades na bica de "seu" Júlio, que continua firme na área e só por timidez não quis dar entrevista, limitando-se a dizer que é um dos moradores mais antigos ainda vivo. A fonte serviu de inspiração para a música "Água Mineral".

A comunidade é típica de lavadeiras e Ivone lembra de Brown acompanhando a mãe ao riacho, nas imediações de onde fica a Avenida Antônio Carlos Magalhães, já batucando um balde de zinco para desespero de todos, conta. Perguntada se a fama do agora famoso morador contribuiu para as melhorias implementadas, ela mostra-se reticente: "Não sei até que ponto essa coisa de melhorias tem a ver com ele. Sei que as casas não tinham a mínima infra-estrutura e existia até um sanitário comunitário. Mas as melhorias começaram a chegar antes dele", relata.

Aspecto lúdico

Os moradores mais antigos lembram que após alforria dos escravos, muitos já tinham casas, ganhando o direito de permanecer na área. Ivone destaca que é bom viver no Candeal Pequeno, que tem uma atmosfera lúdica incomparável, mas, às vezes, queixa-se da zombaria das festas no Candyall Ghetto Square. Cursando Direito, ela diz que se sente incomodada na hora de estudar.

O clima musical-festivo atraiu "gringos" de todas as nacionalidades, mas a "invasão" trouxe uma contrapartida inexistente no passado: os excessos provocados pelo consumo

excessivo de álcool e drogas e, também, casos isolados de violência. As madrugadas de segunda-feira, primeiro dia da semana e de trabalho, são agora movimentadas no Candeal Pequeno pelos visitantes festeiros e insaciáveis, que não abandonam a festa sem antes provocar uma briga.

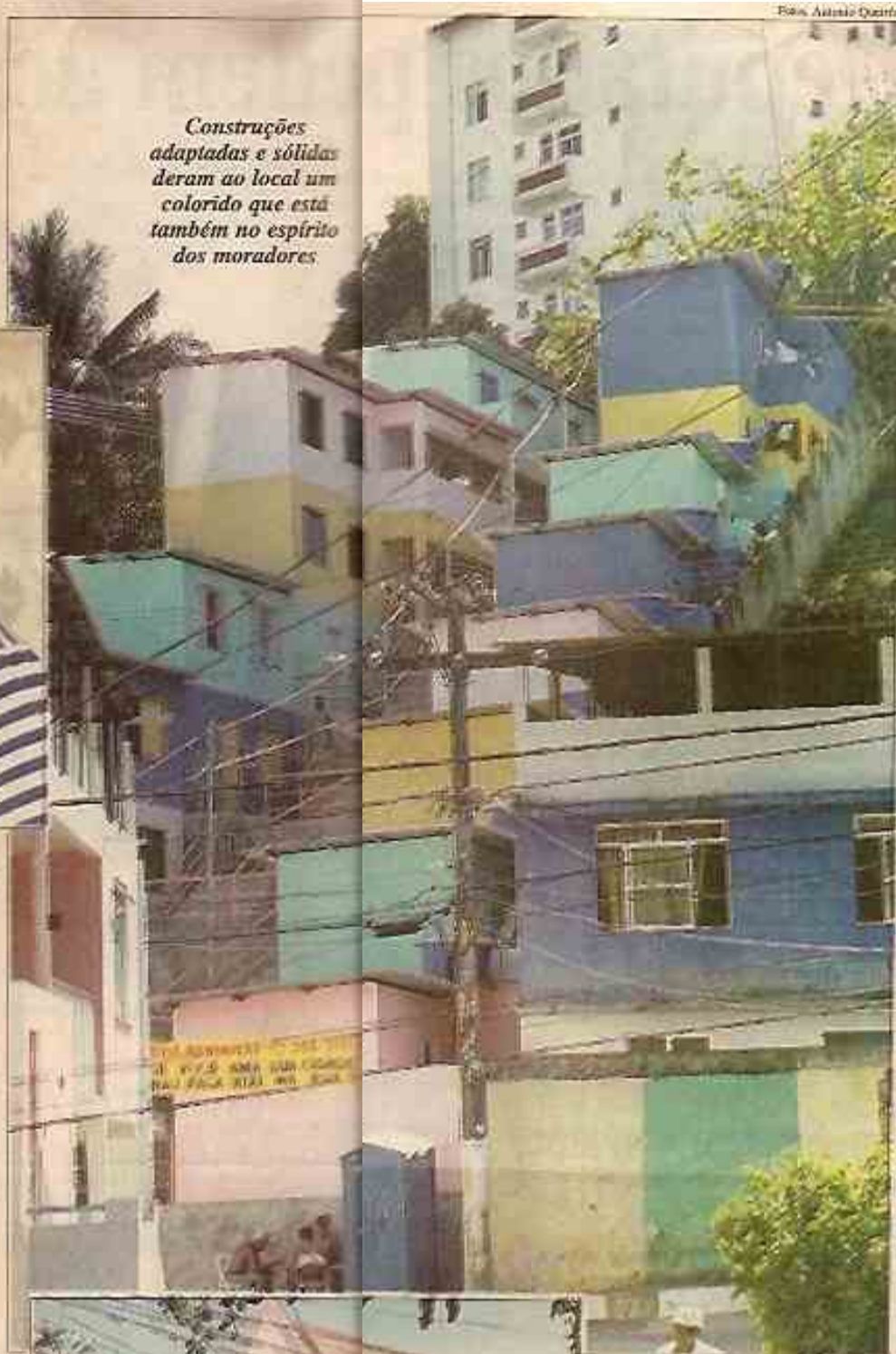
Os moradores, assustados com a invasão de "gringos", reclama a instalação de um módulo policial. "Aqui nunca teve pivete ou menino de rua e as confusões que agora ocorrem vêm de fora", constata Ivone.

Assombrações

Com vários pavimentos e em tons marrom e mostarda, o novo e imponente prédio do Pracatum, programa de arte-educação criado por Brown, contrasta com o estilo arquitetônico do velho Candeal da Rua 18 de Agosto. Apesar de ser uma área habitacional antiga, não tem posto médico e tampouco farmácia. Quem necessita destes serviços precisa escalar a ladeira em direção à Rua Waldemar Falcão, em Brotas, ou a Cidade Jardim. O Candeal também não tem igrejas cristãs, mas abriga o tradicional candomblé de Angelina.

Entre as histórias que povoam o imaginário do lugar está a do caixão de defunto com uma vela acesa e que passava pelas ruas sem que ninguém carregasse. Há também a do homem vestido de branco que vagava pela noite com um enorme charuto e desaparecia misteriosamente.

No intervalo, Ivone aponta para uma casa pintada de rosa e agora inteiramente reformada, onde mora o avô de Brown e onde ele próprio nasceu. Ela se preocupa em resgatar a história do Candeal Pequeno, que diz, com orgulho, ter sido uma senzala da Quinta do Candeal, uma fazenda que mantinha escravos. "Quando era criança a gente não precisava comprar



Construções adaptadas e sólidas deram ao local um colorido que está também no espírito dos moradores



O Ghetto Square é referência internacional da Bahia

frutas. Tinha pé de abacate, manga, caju, graviola. Com o crescimento urbano essas árvores, plantadas há séculos, começaram a desaparecer", lamenta.

Como um aglomerado predominantemente negro, a região concentra a alegria expansiva típica dos afro-baianos e a cada ins-

tante vem-se grupos de crianças brincando uma agitada batucada em latas e baldes. O pai de Renato Teixeira de Freitas, conhecido como Beruró e recém-27 anos, lembra que a situação ficou meio caótica no Candeal quando o Bahia Azul realizou. Um esgoto entupido

poluiu a famosa fonte e provocou uma grande dor-de-cabeça nos técnicos da Embasa.

Quilombos urbanos

Embora dificilmente se encontre Carlinhos Brown no Candeal, a não ser nos dias de agito, em entrevista concedida à imprensa do Rio ele afirmou que "há sofisticação no estilo de vida dos excluídos", irritado por ter sido questionado sobre sua infância pobre. "Eu e meus vizinhos somos sofisticadíssimos, mas ninguém entende. O que nos ofende quando falam em pobreza é que parece que não temos bom gosto", fuzilou.

Embora tenha saído da escola na primeira série, ele é dono de um raciocínio linguístico particular. Fala como compõe, juntando milhares de referências étnicas e culturais, quebrando palavras e inventando significados, como em "alfagamabetizado", o alfabeto grego com português para bagunçar o coreto da visão elitista. "Quando chamam alguém de analfabeto lembro de anal, parece que o cara já desce por ali, que é um m... Favela lembra vela, que é coisa de defunto. Prefiro falar em quilombos urbanos".